

# A SAUBADE

JORNAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ.

Vol. II.

Domingo 24 de Fevereiro de 1856.

N. 3

## LITTERATURA.

### A Igreja de São Joaquim,

O COLLEGIO DE PEDRO II.

#### I

A epopea das nações, a chronica dos povos e a historia das grandes cidades deve ler-se nos seus monumentos; porque o espirito das nações, porque a indole dos povos, porque a civilisação das cidades ha de revelar-se n'esses hyreoglyphicos de pedra, que ideou o poeta, que escreveu o chronista, e que symbolisa o artista.

Assim, no mosteiro da Batalha, lê-se a epocha cavalleiresca de D. João I, no de Belém a expedição da Índia, no de Mafra essa epocha sumptuosa, fradesca, e hypocrita de D. João V. na moderna Lisboa, e na sua estatua equestre o reinado severo e grave do severo e grave marquez de Pombal.

Tambem no Brazil cada igreja, cada mosteiro, cada monumento revelam as differentes epochas da historia de trezentos annos.

O convento e a igreja são o *alpha* e o *omega* da historia do Brazil; é no convento e na igreja que se deve estudar a chronica intima de um povo aventureiro, colono, cavalleiresco, de ambição com requinte de cobiça, livre em costumes, dissoluto até; mas uniforme em relação ao convento e á igreja. Do confissionario e não do gabinete do capitão general, da igreja e não do tribunal da justiça, da estola e não da espada é que o povo recebia o impulso da sua civilisação, e a reforma de seus costumes: o sermão era a letra viva da lei, a provisão illudia-se, menoscabava-se até. O padre Vieira com a palavra, e amortalhado na sua roupeta negra de jesuita, exerceu mais poder que todos os vice-reis, com suas provisões fundamentadas, com suas fardas douradas, e deslumbrantes pelo brilhantismo do poder real.

E' pois nos monumentos, e não nos codices, que especialmente o historiador deve buscar decifrar a solução das differentes phases politicas de uma nação; é nos monumentos, ainda, que elle deve dessecar, com o escalpelo da herminutica, os factos, a indole, o viver e crer das gerações defunctas. Quem por exemplo quizesse affêrir e contrastar a influencia politica dos vice-reis, e a ascendencia theocratica das ordens religiosas deveria estudar os monumentos do Carmo, de São Bento e de Sancto Antonio, vastos, sumptuosos, artisticos, quanto era possivel sel-o n'esse tempo, com o paço civil, acanhado, de proporções em miniatura, mal ousando sahir dos alicerces: as náos dos quintos, que levavam milhões para o convento de Mafra e para as dissipações do Luiz XIV portuguez não deixavam uma duzia de mealhas nem para erguer mais um lanço de parede, quanto mais para decorar a residencia dos representantes do poder real: a devoção dos fieis, dos crentes até ao fanatismo, manifestava-se em largas esmolas e ricos donativos ao convento e á igreja, ao culto e ao poder theocratico, o scepticismo politico, que já então lavrava sob diversa forma do de hoje, negava os direitos ao fisco, negava-se ás contribuições: dava tudo a Deos e nada a Cezar: guiava-se pelo baculo e não pelo bastão, obedecia ao capuz, e pouco se importava com o chapeo implumado do general governador.

#### II

Entre os muitos monumentos, que no Brazil attestam e justificam esta phisionomia politica e moral da sociedade do seculo passado, e dos dois anteriores, avulta a igreja e seminario de São Joaquim, hoje — IGREJA DE SÃO JOAQUIM E COLLEGIO DE PEDRO II. Esse monumento, que por tantas transformações tem passado, essa igreja que já resouo os canticos religiosos; e repercutio as blasphemias de uma soldadesca grosseira terá em breve de desabar aos golpes do alvião

e da picareta do inconoclausta, que, em nome da industria e da civilização material, vai condemnar ao desapparecimento essa pagina importante da historia monumental do Brasil, a mais importante talvez, porque a esse edificio liga-se o primeiro verbo, o primeiro *fiat lux* da nossa educação e illustração.

### III

Uma idéa generosa, um pensamento evangelico de civilização presidio á fundação do COLLEGIO DOS MENINOS ORPHAOS. Um dos mais queridos e saudosos prelados, que tem honrado a igreja fluminense, o virtuoso e illustrado D. Fr. Antonio de Guadalupe foi quem concebeu, quem lançou os primeiros alicerces, quem deu importancia e vida a esta philantropica e caridosa instituição.

Para melhor se avatiar o pensamento do illustre prelado transcrevemos as proprias palavras da sua provisão de 8 de Junho de 1739.

*Provisão Episcopal de 8 de Junho de 1739 instituindo um Collegio de meninos orphãos n'esta Cidade do Rio de Janeiro.*

Dom Frei Antonio de Guadalupe, por Mercê de Deos e da Sancta Sé Apostolica, Bispo do Rio de Janeiro, do Conselho de Sua Magestade que Deos Guarde, &c.

A experiencia que temos de que n'esta cidade e seus contornos, se perdem muitos moços, que, ficando orphãos de pai em tenra idade, não tem quem os instrua nos bons costumes, e nas artes, em que podem aproveitar-se e viver christã e religiosamente, n'aquelles empregos ecclesiasticos, ou seculares, para que tiverem genio e prestimo: nos tem movido a procurar remedio para este damno, não só por meio de um Seminario, a que temos dado principio na fórma do Sagrado Concilio Tridentino, mas tambem por meio da instituição de um Collegio, em que sejam recebidos e creados meninos orphãos de paes pobres e desamparados de criação, os quaes no dito Collegio sejam instruidos na doutrina christã, ler, escrever, e na lingua latina, musica e instrumentos, como tambem nas funcções ecclesiasticas, de que pódem ser capazes. Por tanto, em nome d'aquelle Senhor que foi servido dar-nos esta vontade, instituímos n'esta cidade do Rio de Janeiro um Collegio para criação dos meninos orphãos nas costas da Igreja de São Pedro nos chãos que se compraram ao Padre

Manoel Marques Esteves, com porta para a mesma Igreja, por detraz da capella-mór; juntamente com as casas que ao lado da mesma Capella estão fabricadas, e em quanto possa ser necessario para complemento da morada do mesmo Collegio, os quaes assistirão no côro da mesma Igreja, rezando com os capellãos d'ella. E terão um sacerdote que nós, ou nossos successores escolherem e deputarem de boa vida e costumes, o qual terá cuidado de crear os ditos meninos ensinando-lhes a doutrina christã, e o santo temor de Deos, e os que não souberem ler, escrever e contar; e depois d'isso mandará ensinar a lingua latina, a rezar o officio divino e ceremonias da Igreja, como tambem musica e tocar instrumentos pertencentes a ella, segundo vir a capacidade de cada um. E em tudo se conformarão, com o que se observa no Collegio de Meninos orphãos da Cidade do Porto, excepto na sujeição do dito Collegio que fica pertencendo ao ordinario, com cuja licença serão recebidos os meninos de pouca idade, e christãos velhos e que sejam brancos de geração, e de nenhuma sorte mulatos; porque como se'hão de criar para o estado ecclesiastico, tendo para isso prestimo e vocação, devem ser de idade em que possam ser instruidos nos rudimentos da vida ecclesiastica, e juntamente de sangue porque d'ella não sejam excluidos. E para constar d'esta nossa instituição mandamos passar a presente por nós assignada e sellada com o sello das nossas armas, n'esta Cidade do Rio de Janeiro aos oito de Junho de mil e setecentos e trinta e nove annos. Eu José da Fonseca Lopes, escrivão da Camara Ecclesiastica, subscrevi.

ANTONIO — *Bispo do Rio de Janeiro.*

(Continúa.)

### A Creação e o Philosophismo.

No principio, antes que houvesse dia, nem noite, nem tempo, criou Deos o céu e terra; porém a terra estava informe e vasia, e o mundo todó sepultado em um abysmo de trevas. O espirito de Deos fecundava as aguas que envolviam a terra. Disse então Deos: «Faça-se a luz;» e a luz foi feita. E chamou Deos á luz dia, e ás trevas noite, e d'este modo se fez o primeiro dia que houve no mundo.

(*Historia Sagrada. ROQUETTE.*)

A criação do universo, a existencia do Ente Supremo, e do espirito humano, a necessidade

d'uma Religião, o peccado d'origem, etc., são verdades augustas herdadas com o ser, luzes que Deos accendeu na alma do homem, e que nem mesmo hão conseguido marear, nem amortecer, os erros de Leucippo, Democrito e Empédocles, nem o scepticismo de Pyrrho, nem as aberrações de Voltaire, nem finalmente os paradoxos de quantos pseudo-philosophos intentaram impugnar estes dogmas cardeaes da humana essencia. Trataremos, por agora, sómente d'esse portentoso phenomeno — a Creação — e diligenciaremos confirmar com o auxilio d'eminentes philosophos e geologos, a veracidade do texto Moisaico, no Pentateuco, debellando assim os botes da impiedade, que faz depender do acaso esse primeiro acto do drama da natureza.

Champollion, Humboldt, Frerete, Paravey, e todos os geologos illustres, que tem profundado o estudo da natureza, para n'ella descortinar o expesso véo da historia dos passados seculos, asseveram unisonos, que as paginas do Genesis, são já phrases inspiradas, ora factos extrahidos de tradições puras remanescentes nas recordações da geração que o cercava, ora acontecimentos, que um historiador contemporaneo fiel e consciencioso registrava, ao passo e na ordem, em que succediam. E' certo, to lavia, abstracção feita d'opiniões isoladas, que todas as nações possuíam suas cosmogonias privativas, que todavia s'aproximavam em mais de um ponto. A opinião dos Atonistas, que ensinavam ser o mundo o resultado fortuito da conjuncção d'atomos disseminados no espaço: a dos Pythagoricos, que julgavam o mundo sempiterno, o que equivale dizer, que não tivera principio, e que sempre existira; o systema d'Anaxuriandro, etc., não crearam adeptos entre os povos Orientaes. Ahi, no berço da raça humana, na terra classica dos Mystérios de nossa crença, todos combinam em assignar a creação do mundo, ao Ser Eterno, — *Bhagavan* — que encerra em si a universalidade dos mundos das formas e das vidas, e *Brahma* o architecto incumbido pelo Eterno, de crear e organizar o universo visivel. As Cosmogonias do Oriente, se bem que mais completas que as do Occidente, por isso que mais se conformam com a letra do Genesis, não deixam d'involver absurdos, provenientes da adulteração das tradições primevas. Em algumas cosmogonias orientaes, em vez de *Bhagavan* é *Siva* ou *Vichnou*, principio do calor e da luz, que executa as funcções de Grão-Crea-

dor. Ahi; Vichnou reclinado n'uma folha de figueira, ou sobre os anneis da grande serpente, nadando á tona d'agua e sahindo-lhe do ventre um ramo de loto, no calix de cuja flôr, apparece sentado Brahma, o obreiro completador da creação, — será poetico, será tudo, mas não é tão grandioso e sublime, como a cosmogonia da Biblia. Os naturalistas do seculo XIX, por meio d'um accurado exame, sobre as diversas stratificações do terreno, que se deparam nos intersticios da terra, convenceram-se, de que a narração Genesiana tem o caracter incontestavel da verdade. As locubrações d'esses philosophos illustres derrocaram, anniquillaram mesmo as theorias bastardas de Demaillett, Leibnitz e Buffon e os erros d'Epicuro e Anaxuriandro.

As subversões do globo, os cataclysmas, os detritos das plantas e os fosseis de diversos animaes, segundo se acham descriptos pelo historiador dos Hebreus, coincidem com o resultado de suas investigações geologicas. O illustre Champollion demonstrou até a evidencia, que essa antiguidade fabulosa, que os Egyptios em sua stolda vaidade d'autochtonia, attribuiam ao Zodiaco de Denderah, era posterior ao reinado de Tiberio. Callisthenes e Cuvier refutaram exuberantemente esse periodo vastissimo d'observações astronomicas, que os Chaldeus s'arrogavam. Os proprios livros judeus lhes negam os 120 saes ou 432,000 annos, desde Aloro seu primeiro rei, até Xysuthro, isto é, desde sua origem até o diluvio. Segundo os Chaldeus, o imperio de Babilonia data da 5.ª geração depois do diluvio, e deve sua fundação a Nemrod.

Identicamente, se ha vantajosamente impugnado a objecção d'aquelles, que opinam ser insufficiente o espaço de seis dias, para a consummação de phenomenos tão estupendos, nos astros e nos elementos, como os que acompanharam a obra grandiosa e sublime da creação do mundo.

Os que opinam dest'arte, abusam da accepção, que ahi encerra a palavra dia, que se não deve tomar pelo lapso de tempo, intermediario entre o nascimento do sol e o seu occaso, porém, sim, por um espaço indeterminado; accepção que abalissados polygraphos reconhecem caber a este vocabulo, assim no Hebraico, como em todas as linguas orientaes. Berzellio fez ver com lucidez, aos que negam a possibilidade da vegetação sem o sol, que para se manifestarem os phenomenos,

que constituem a vida vegetativa, requer-se (1) 1.º que a semente se ache em contacto com um corpo humido, 2.º achar-se n'uma temperatura superior a 0, e sem que exceda 30 grãos, 3.º estar igualmente em contacto com o ar. Tresnel, accrescenta, que a substancia da luz tem uma existencia independente do corpo luminoso. Roset em sua geognosia demonstra, que o diluvio estava longe de ser uma creação mythologica, como o figurava o philosophismo, e que as diversas parcelas de terra diluviana, se deparam sem discri- mentando nos pincaros das montanhas, como nas veigas e planuras. Do que levamos exposto, con- clue-se; que os sophismas da falsa philosophia que, assestados contra o primeiro livro do Penta- teuco, epopea sublime da creação, se acham pul- verizados pelo gral da geologia, d'essa sciencia infante, mas robusta, que vai pedir ao seio da terra o segredo da infancia da natureza, e a his- toria no nascimento do homem. Deprehende-se mais, que d'entre todas as cosmogonias existen- tes, a unica a prol da qual milita a consentan- cidade com as investigações scientificas dos na- turalistas modernos, e por consequencia, a uni- ca que reune a veracidade, é aquella que o legis- lador d'Israel nos legou no Genesis. Os Judeus professavam para com a narração de Moisés, uma veneração igual á que tributavam ao Ende- cálogo, e aos dogmas essenciaes de sua crença. Finalmente; a lembrança da catastrophe univer- sal e da regeneração da humanidade, não póde ser um mytho, adréde inventado, porque essa tra- dição além de confirmada pela sciencia, se acha como diz Poirson, na Chaldea, no Egypto, na Assyria, na Etruria, na Grecia e na China, onde Yao, seu mais antigo Imperador, é representado occupando-se em esgotar as aguas

Lançai agora um pouco os olhos sobre o livro do mais sabio entre os legisladores. A primeira estancia d'esse poema sublime, é o Fiat do Eter- no, é a vivificação da natureza, a incarnação e animação do homem; a ultima é a expiação dos descendentes de Caim, inflingida por um Deos de justiça — o Diluvio. —

Contemplai por um pouco o primeiro homem, que o Eterno bafejára com sua respiração vivifi- cante, n'esse Eden maravilhoso, onde se agrupa- vam as arvores mais frondosas, as flôres mais

(1) Jesus Christo perante o seculo.

agradaveis, as aves de plumagem mais bella, e de gorgeio mais doce, e os pomos mais gratos, elle, o primeiro homem, dominador exclusivo de tantas maravilhas, gosar-as sem fadigas, e para complemento das venturas já tão innumeradas, apparece Deos, e diz: « Não é bem que o homem viva só; façamos-lhe uma companheira, seme- lhante a elle, que o ajude em suas occupaões. » Apoz o que, infunde um profundo somno a Adão, tira-lhe uma costella, transmuda-a em mulher e quando elle acorda, diz: *Eis aqui ago- ra o osso de meus ossos e a carne de minha carne; por amor d'esta deixará o homem a seu pai e a sua mãe, e se unirá a sua mulher; e serão dous n'uma mesma carne.* » Depois, a traição da serpente, a queda do homem, a piedade d'Abel, a impiedade de Caim, — o primeiro assassino — a ruina da humanidade decretada pela sabia jus- tiça de Deos, em castigo de seu endurecimento e impenitencia, alfim, essa inundação por sobre toda a superficie do globo, durante quaren- ta dias e quarenta noites, todas as creaturas engu- lidas em sua voragem, e Noé, o unico achado puro ante o Altissimo, salvo na Arca, para repa- ração do genero humano. Oh! meu Deos! como sois grande, vós o author de tantos prodigios, como sois sabio, vós o creador da immensidade de mundos, que se agitam no espaço, n'uma ordem admiravel e constante!!!

— E com tudo, ainda ha homens, que não vendo na natureza senão causas contingentes e phenomenais, não sabem ou não querem remon- tar a uma causa necessaria e primordial. Elles observam a ordem e belleza da natureza, e não vêem Deos, detraz d'essas obras magnificas. O' vergonha! quando deixarão os discipulos d'Epi- curo e Spinosa, d'empestar o mundo com suas insidiosas doutrinas!!!

Resende, 1 de Janeiro de 1856.

DELPHIM AUGUSTO MACIEL DO AMARAL.

### Paginas intimas.

#### III

#### O MENDIGO.

Dai-me uma esmola, Srs., e Deos vos recom- pensará!... Nada. Em vão estendo a minha de- bil e tremula mão — passam todos, nenhum pára, nenhum escuta a supplica do pobre mendigo!... Dai-me uma esmola, Sras., e Deos vos recompen-

sará! Também nada! Oh! meus filhos.... meus pobres filhos!... E o mendigo, coberto d'andrajos, e pallido como a morte, guia seus vacillantes passos para outro lugar, um pequeno raio d'esperança o vem reanimar. Vamos, disse elle, nem todos estes a quem hei implorado uma esmola ficarão surdos aos meus lamentos! Algum verá, pela magreza das minhas faces, e pelo encovado de meus olhos que a fome ... a medonha fome imprime sobre mim suas terríveis garras. Algum d'elles verá as minhas carnes encobertas com os miseraveis andrajos da pobreza, e a compaixão e dôr se misturará com o meu pranto. E um sorriso d'esperança paira nos labios do mendigo. Passa muita gente, os carros cruzam-se, os cavallos encontram-se, mas as supplicas do pobre vão morrer no espaço. Uma esmola, Sr!... E o homem passa lançando ao mendigo um olhar de impaciencia.

Uma esmola, minha senhora! E a mulher — joven ainda, passa tambem, e com um gesto d'enfado se aparta d'ali — Uma, duas, quatro, vinte pessoas ouvem o mendigo, mas nenhuma pára. Tudo é assim, diz este amargamente; oh! eu tambem como elles fui rico já, mas nunca os imitei. Repartia com os pobres aquillo que Deos me concedera, nem um só bateu á minha porta que deixasse de ser soccorrido. Eu era moço então e podia trabalhar, mas não pensei no porvir, nem na pouca estabilidade das cousas d'este mundo. Vía por um prisma, e tudo se me figurava brilhante e adornado de lindas e attrahentes côres. Castigar-me-hia Deos? não o creio. Elle é justo e bom, lê em todos os corações, e o meu jámais alimentou a vaidade ou o orgulho. Fui imprudente, nada mais! Hoje deploro a levianidade com que tratei aquillo que merecia as minhas attencões, todos os meus cuidados.... Se elles adivinhassem e podessem ler em meu coração — oh! verião com magoa talvez que estendo a minha mão vergonhosa e a tremer. Não porque um pensamento de soberba m'atrasse o espirito, mas porque já fui oppulento — já gosei do que elles gosam agora. Uma natureza mais fraca que a minha cederia de prompto aos embates da sorte, procurando no suicidio as consolações e o fim a seu triste fado. Eu não, eu jámais cederei, a religião dá-me a paz de espirito, e minha mulher — meus filhos fazem com que eu ame a vida.... Passae pois, não me deis a esmola que vos peço, mas não me interrogueis.... Uma esmola, Sr.... Este encarou-me como todos os outros, mas sorprendi-lhe um gesto de espanto! Conheceu-me,

oh! eu tambem o reconheci. Foi pobre, mas a ambição matou-lhe todos os sentimentos de honra e virtude com que o conheci na mediocridade, quiz ser rico, porém porque preço?! A sua fronte curva-se ao peso da marca infamante que a opinião publica lhe imprimio, e mais d'uma vez os remorsos virão perseguil-o.... Uma esmola.... Tomae, meu amigo, eu sou pobre tambem, mas o pouco que tenho devo repartil-o com aquelles que necessitam mais do que eu.

E o homem — o primeiro que se lembrára do mendigo n'aquelle dia, retira-se apressado, para fugir aos agradecimentos d'este....

Louvado seja Deos; tenho com que comprar o pão de hoje para meus filhos. Este ouviu-me. E' pobre tambem, mas o ar impuro das cidades não manchou seu bom e sensível coração. O rico, e são tantos, não se lembra do dia d'amanhã. Para que?... E o mendigo affasta-se d'ali com passos lentos e compassados, e vae ao miseravel casebre em que se abriga da intemperie das estações, erguer ao Creador votos de humildade e reconhecimento....

Rio, 21 de Fevereiro de 1856.

ANTONIO XAVIER RODRIGUES PINTO.

## Mathilde.

### II

#### CONVERSAÇÃO.

Fez-se o embarque, e em breve a barca impellida por quatro vigorosos braços cortava o rio em direcção á margem opposta. Dez minutos depois os viajantes estavam em terra, montavam a cavallo, e seguiam pela estrada que conduz pela margem á villa da Fulgosa. Bôa viagem, Sr. gritou o barqueiro do rio, com aquelle accento de voz semelhante ao dos naturaes das ilhas dos Açores. Agora que nos achamos na estrada, continuemos, se lhe aprás, a conversação que interrompemos ao entrar na Regua, disse o doutor para o viajante, gordo. Para quê?! Fizeste juramento de contrariar-me em tudo, e discutes com sophismas um ponto que deveria ser tratado leal e francamente. Por certo, meu tio, jámais consentirei que Vm., por causa das malditas conveniencias, guerrêe a causa dos mancebos, defendendo a dos velhos. Custa a crer que Vm. approve de uma maneira tão positiva o projectado casamento da filha do doutor



Rego ! Que ha n'isso d'espantar ? O noivo é rico, Luiza tambem ; o pai d'esta está mortinho que elle se leve a effeito, porque entende que sua filha vae bem com o meu amigo Tristão ; não sei pois por que não devo approvar esse casamento. Sim, tudo isso é muito bom, e bem raciocinado, comtudo Luiza tem 20 annos, e o brasileiro 50. Parece ter apenas 35 ou 40. Usa de chinó : prova de que é careca. Tem dentes artificiaes: nada mais natural, os outros cahiram-lhe. E' feio: nem tanto como dizes. E' um simplorio ; mas tem dinheiro, pateta ! Seja o que lhe approuver, exclamou o doutor um tanto impaciente ; póde defender o brasileiro com sua costumada eloquencia, mas convencer-me, nunca ! Sou moço, e como tal advogarei a causa d'aquelles nas minhas circumstancias. A velhice, meu tio, é egoista, e Vm., que tem seu tanto d'este defeito, declarou-se campeão de um tal pretendente á mão da encantadora Luizinha — a *Rosa branca*. Como ? chamas a Luiza encantadora, e n'unca a viste ! oh ! oh !... E' o mesmo, fizeram-me o seu retrato, e penso que este elogio é bem merecido. Vês, meu irmão, disse o rusguento tio fallando com o viajante que occupava o centro, e que até ali guardára absoluto silencio ; vês como os bancos da Universidade fazem os rapazes orgulhosos de seu saber. Eis aqui teu filho que pensa ter mais experiencia do mundo do que eu ; e porque ? porque as illusões da mocidade já passaram, e não conservo d'ellas mais que uma vaga recordação. Vivam pois as illusões, e aquelles que as alimentam ! Deixem-se d'essas questões, respondeu o pai do doutor ; que interesse temos nós que o doutor Rego case sua filha com Paulo, Sancho ou Martinho ? ! Deixal-os lá ; comtudo, meu irmão, permite que te observe ; pensas mal, Henrique tem razão em révolter-se contra as tuas idéas, por que no meu entender esse casamento, a effectuar-se, fará a desgraça da filha do doutor Rego, o que muito sentirei, porque é una menina digna de ser feliz e respeitada. Obrigado, meu pai, atalhou Henrique, com voz commovida ; eu tinha convicção de que Vm. era do meu parecer, por isso é que tenho-me abtido de perguntar-lh'o. Seria uma inconsequencia da minha parte dizer que tenho mais experiencia do mundo, que meu tio ; comtudo tenho a precisa para conhecer que esses casamentos produzem pessi nos resultados... E Vm., meu tio, não insista mais sobre este ponto, do contrario dar-me-ha lugar a crer que tem desejos de casar-se tambem, e com uma mulher

nas circumstancias de Luiza. Basta, Sr. doutor, tem muita razão ; eu é que sou um asno em envolver-me n'estes negocios. Ah ! Sr. Tristão, quanto custa a ganhar um papagaio ! Como é isso, meu tio ?... Sim, o brasileiro prometteu-me um papagaio com a clausula de que eu o auxiliaria em seus projectos amorosos. Ambicionando o animal, tenho-me cansado para destruir a impressão que a nova de suas amorosas tendencias tem produzido no espirito d'algumas pessoas sensatas d'estas visinhanças. Mas desgraçado de mim ! tenho irritado os animos d'esses individuos, serei um dia apedrejado, e não terei o papagaio ! Oh ! desgraça !... Henrique ; conheces o sobrinho do brasileiro ? Não, meu tio ; sei apenas que é dotado de um caracter como ha poucos. Alegre, extravagante e mordaz, outras vezes triste e sombrio ; este ganha de qualquer dos modos a estima publica ; e aquelles que o censurão elogiam-no ao mesmo tempo. Estou impaciente por conhecer um tal original ; por que sempre sympathizei com estas naturezas expansivas e voluceis. Dizes bem, Henrique ; esse rapaz tem seus defeitos ; porem é dotado de um coração generoso, e para o qual jamais se appellará em vão. As raparigas mesmo, que pódem dizer muito a seu respeito admiram-no, e mais de uma me dizem, tem ido visitar bem longe uma prima, uma tia ou uma amiga. Consta-me tambem que Carlos disputa a seu tio a mão da linda e interessante Luiza ; porem o doutor jámais consentirá em tal, apesar da pronunciada sympathia que mostra ter por Carlos. E Luiza ? Não sei, nunca lhe sorprehendi o menor signal de intelligencia ; mas a mulher, mais que ninguem, sabe moderar suas impressões, encobrir a verdade sob um véo expesso e impenetravel ; diz-me o coração que ella ama a Carlos não obstante fugir-lhe, e mostrar n'apparencia que lhe é indifferente. O que acaba de dizer meu tio, mais me desafia a curiosidade e impaciencia ; e uma vez que Vm. tem convicção de que Luiza ama Carlos .... não sei, mas creio que lhe servirei d'auxiliar. Estamos longe da quinta ?

Não, por que chegamos. E com effeito, o tio de Henrique, que conservava sempre a dianteira, apeava-se em frente ao portão de uma elegante casa de sobrado, a qual é situada na margem do rio, e a um tiro d'espingarda da Fulgosa. Os tres viajantes entraram por um grande portão que se achava aberto, e no mesmo instante um creado

tomava conta dos animaes. Boas tardes, meus Srs., disse elle com essa liberdade de servo querido da casa; chegam a proposito, por que o Sr. doutor acaba de dizer que não contava mais com a sua visita. E' uma bella surpresa que lhe preparáram. Affonso, quem está com o doutor? perguntou o viajante gordo, sacudindo com um lenço de seda a poeira de suas botas. O brasileiro, o Sr. Carlos, e no corredor encontrareis o preto d'este, que parece ter feito juramento de jamais o abandonar. E' a sociedade do costume, disse o primeiro interlocutor; subamos. Os tres personagens encaminharam-se para um extenso corredor com quartos d'ambos os lados.

ANTONIO XAVIER RODRIGUES PINTO.

## POESIAS.

### Despedida.

AO MEU AMIGO O POETA BERNARDINO PINHEIRO  
EM VIAGEM PARA LISBOA.

Poeta, da vida no fulvo horisonte,  
Deixaste essa patria qu'o céu nos doou...  
Deixaste esse berço, que grato em seu seio  
A infancia risonha, te leda embalou!

Deixaste, saudoso, da Lisia essas praias,  
Banhadas por ondas de fino christal;  
Qu' a mil se revolvem de teu qu'rido Tejo  
No leitô espaçoso, fluente e caudal.

Deixaste esse clima puro, amenisante,  
Que a musa inspirou-te tão cheia d'amor;  
Teus entes mais caros, em fim, sobre a terra  
Deixaste envolvidos em pranto de dor!

Sulcando o Amphitrite, vieste, poeta,  
O pão bem amargo do exilio comer!  
E sob os ardentes tropicos da America,  
Sentidas endeixas na lyra tanger.

Distante das plagas que a vida te deram  
Que viram teu ledô primeiro sorrir,  
A c'roa de louros vieste, ó poeta,  
Tão joven ainda na fronte cingir!...

São flores viçosas, essas que esparziste  
No solo que grato te soube hospedar...  
São roxas saudades, mas cheias d'encantos,  
Que a patria amisade te soube inspirar.

Agora partiste... não foi longo o tempo  
Qu' a Lisia adorada carpio tua ausencia,  
Neptuno em seus braços te leva outra vez,  
A n'ella fruïres propicia existencia...

Partiste, mas ah! deixando no exilio  
Irmãos, que te davam amor e amizade,  
Irmãos que em distancia jamais deixarão  
De carpir sentidos a tua saudade.

Rio de Janeiro, 7 de Fevereiro de 1856.

JOÃO DANTAS DE SOUZA.

### O Seducitor.

A' meiga donzella imprudente, inexperta,  
Fallaz seductor os seus laços armou;  
Júrrou-lhe que a amava, em seus braços a aperta  
Gozou-a, fugio-lhe, p'ra sempre a deixou.

Deixou-a por outra, que vio ser mais bella  
Por outra a quem vai tambem enganar...  
Deixou-a perdida, e da pobre donzella  
O infame está rindo, outro amor a gozar.

Que importa que a triste, chorando e gemendo,  
Seus dias amargos na dor vá findando?  
Que importa que a misera, a esperança perdendo,  
Se lance em viver, vergonhoso e nefando?

Que importa se lance em viver depravado,  
Que a pobre se fine, mirrada de dor?  
Que importa se perca... se já o malvado  
Colheu a innocente, e angelica flor?

Que importa que morra?... o remorso cruento  
Em orgias infames vai elle apagar:  
Que importa, que a triste só viva em tormento  
Se d'outra o amor está elle a gozar?

Rio de Janeiro, 25 de Setembro de 1855.

EUGENIO ARNALDO DE BARROS RIBEIRO.

**Minha sorte.**

Quem sou eu? Qu'importa; quem?  
Sou um trovador proscripto.  
Que trago na fronte escripto.  
Esta palavra: — Ninguem!

A. E. ZALUAR.

Onde estou? Onde é que habito?  
Sobre a terra o que cogito?  
Que fiz eu? qual meu delicto  
P'ra tantas penas merecer? !  
Quem sou eu? Que nome tenho?  
Carregando sempre o lenho  
Do martyrio mais ferrenho  
Sem meu destino saber!

Onde estou? desdito amante,  
De minha patria distante;  
Estranho a tudo incessante  
Que m'envolve e me rodeia....  
Carpindo, qual passarinho  
Qu'abandonou pais e ninho,  
E agora triste, louquinho  
A chilrar triste vagueia.

Onde é que habito? descrido,  
N'um solo desconhecido;  
Vagando n'elle perdido  
Qual no deserto o leão!  
Sem uma mão caridosa,  
Que me guie pressurosa  
N'esta senda tortuosa,  
Por ternura ou compaixão!...

Sobre a terra o que cogito?  
Tão desgraçado proscripto,  
Eu, qu'o fado agro e desdito  
Sempre a meu lado encontrei,  
N'esta senda em que caminho,  
Entregue a meu mal sósinho,  
Se mais ando mais definho  
O que cogito nem sei!...

Que fiz eu? mancebo errante,  
Triste cantor delirante,  
Que delicto degradante  
Pude acaso commetter? !...  
Ah! nenhum .... é minha sorte  
Sem esperança e sem norte  
Entre torturas de morte  
De continuo heide viver.

Quem sou eu? ai! vida minha!  
Sou uma tenra folhinha,  
Que succumbe pobresinha.  
Ao vendaval bravejante!  
Dura lage despenhada  
Por uma encosta quebrada  
D'escolho em escolho rojada  
Sem um remanço d'istante.

O meu nome? malfadado,  
Eu, que nem siquer me é dado  
Trazer na fronte estampado  
Um sorriso pransenteiro,  
Em minha voz tão gemente.  
Um ecco que nem se sente...  
Só da turba-ao som ingente  
O meu nome é: — Estrangeiro!

JOÃO DANTAS DE SOUZA.

**A innocente.**

Entre os afagos queridos  
De teus pais, ó creatura,  
Te correm e bem serenos  
Hoje os dias, de ventura.

Os males que n'esta vida  
Com a mortal existencia  
Nós soffremos, não te chegam  
N'esse teu ser d'innocencia.

Mal que a natura um desejo  
Exposto em ti, ó teus pais  
Te conhecem, e te dão  
Logo o que necessitais.

Um sorriso que desprendes  
Dos teus labios, lhes parece  
Uma faisca divina,  
Que reflecte e doce aquece...

O coração consolado  
D'elles para o céu s'inclina:  
Ao Senhor dando mil graças  
Dos teus encantos, menina.

Queira Deos que sempre sejas  
Feliz assim, innocente;  
Que os annos te não desformem  
A condição do presente.

Fevereiro 17 de 1856.

BARBOSA DE CASTRO.